



DISCURSOS ESPANHÓIS E INDÍGENAS NA HISTÓRIA DO ANTIGO PERU

SPEECHES SPANISH AND INDIGENOUS IN THE HISTORY OF ANCIENT PERU

Ana Raquel Portugal*

Doutora em História/Universidade Federal Fluminense

Professora da Universidade Estadual Paulista

E-mail: miauu@hotmail.com

Franca, São Paulo, Brasil

*Endereço: Ana Raquel Portugal

Av. Eufrásia Monteiro Petrágliã, 900, Jardim Antônio Petrágliã, Franca - SP, 14409-160.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 17/08/2013. Última versão recebida em 05/09/2013. Aprovado em 06/09/2013.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

As crônicas do século XVI e XVII permitem uma aproximação ao significado do ayllu andino. Escolhemos alguns cronistas espanhóis, índios e mestiços para estudar essa estrutura andina que foi utilizada no período colonial com fins administrativos e que de sistema de parentesco foi convertida em território ao modo europeu.

Palavras-clave: crônicas; cronistas; ayllu; parentesco; território.

ABSTRACT

The chronicles of the XVI and XVII provide an approach to the meaning of the Andean ayllu. We culled some Spaniards chroniclers, the Indians and mestizos to study how the Andean structure was used in the colonial period with an administrative purposes and kinship system was converted into the territory in an European manner.

Keywords: chronics; chroniclers; ayllu; kinship; territory.

1. INTRODUÇÃO

O Novo Mundo suscitou a curiosidade de muitos europeus que o quiseram descobrir e interpretar, segundo seus próprios modelos culturais. O resultado de tais estudos dependeu do tipo de homens que os realizaram. Uns cronistas dedicaram-se à escrita de suas próprias façanhas, outros cumpriram seu dever ao descreverem estas terras para a Coroa e os religiosos dedicaram-se ao relato de histórias oficiais para a Igreja. Por vezes, o intuito era mudar a situação pessoal, defendendo-se de algum processo judicial ou mostrando seus feitos na esperança de conseguir méritos da coroa, visto que a honra era algo importante para o europeu desse período, que, através dela, poderia alcançar a fama, almejada pela maioria que queria immortalizar o próprio nome¹. Os cronistas não só escreveram sobre assuntos diferentes, bem como analisaram os fatos de acordo com os costumes do período em que estavam vivendo. Grande parte dos cronistas eram homens de poucas letras, havendo, inclusive, grandes conquistadores que eram analfabetos, como é o caso de Francisco Pizarro e Diego de Almagro. Mesmo assim, os cronistas procuraram ler tudo a que tiveram acesso na América e tentaram fazer o melhor que podiam em suas obras. Apesar de possuírem motivos variados para realizar seus escritos, todos tinham consciência que a historiografia requeria retórica², ou seja, que os livros de história deveriam ser redigidos em linguagem culta, elegante e respeitar a verdade dos fatos. Para alcançar essa verdade usavam o “testigo de vista”, valiosa contribuição para persuadir e legitimar seu argumento³.

Com o avanço do período colonial na América espanhola, começaram a aparecer alguns cronistas de origem indígena, que foram evangelizados e alfabetizados pelos espanhóis e passaram a produzir escritos no modelo cronístico dos conquistadores. Seus escritos, em geral, tratavam da história de seus antepassados, enaltecendo-a para garantir regalias na nova organização política ou podiam questionar a legitimidade da colonização espanhola.

O intuito principal dos cronistas era que, através da escrita, se assegurasse a memória dos acontecimentos, ou seja, escreviam para não esquecer⁴. Não é possível traçar uma divisão entre os relatos espanhóis, indígenas e mestiços, porque não necessariamente as crônicas

¹ Fazio Fernández, Mariano, El honor español en las crónicas americanas de los siglos XVI y XVII. In: Regalado de Hurtado, Liliana, Someda, Hideofugi (Eds.), *Construyendo historias. Aportes para la historia hispanoamericana a partir de las crónicas*, PUCP, Lima, 2005, p.134.

² Valcárcel Martínez, Simon, *Las crónicas de Índias como expresión y configuración de La mentalidad renascentista*, Disputación Provincial de Granada, Granada, 1997, p.429.

³ Hartog, François, *O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*, UFMG, Belo Horizonte, 1999, p.276.

⁴ Chartier, Roger, *Inscrever e apagar*, UNESP, São Paulo, 2007, p.9.

representam a origem étnica do autor, visto serem resultantes de uma interação cultural vivenciada no mesmo contexto histórico em que é necessário perceber a influência e interrelação entre as obras ou entre os cronistas⁵.

Sendo o *ayllu* uma importante estrutura para compreender a organização social e os costumes culturais dos povos andinos, abordaremos algumas obras de historiadores, antropólogos, etnólogos e arqueólogos, bem como as principais crônicas que nos permitem uma aproximação às distintas representações⁶ de *ayllu*, que de sistema de parentesco pré-hispânico se converte em um espaço territorial, segundo o modelo das reduções do vice-rei Francisco de Toledo postas em atividade no final do século XVI, no vice-reinado do Peru.

2. O AYLLU ANDINO

No período pré-colonial, o *ayllu* constituía um grupo ligado por sistema de parentesco que, geralmente, possuía um espaço territorial delimitado. Já no período colonial, ocorre uma transformação conceitual devido à importância dada ao espaço físico, ao território e o *ayllu* transforma-se em comunidade, onde os laços de parentesco deixam de ser o traço característico dessa estrutura.

Os cronistas espanhóis, ao tratarem o *ayllu*, identificaram-no com genealogia, linhagem e território. Pressupomos que foi das propostas de reagrupamento indígena de Juan de Matienzo⁷ que surgiu a identificação de *ayllu*, redução e comunidade, pois não era o sistema de parentesco que interessava, e sim, o aldeamento dos índios. Nas crônicas indígenas, é usual encontrarmos categorias européias mescladas a padrões culturais andinos, porém tais cronistas interpretaram consensualmente o *ayllu*, como sendo uma estrutura baseada em laços de parentesco de grande importância para a organização do Estado Inca.

Os estudos contemporâneos sobre a ideia de ser a comunidade indígena atual um fruto da colonização serviram para provar que a transformação do conceito de *ayllu* ocorreu realmente no período colonial, tendo como principal fonte a concepção de redução de

⁵ Inoue Okubo, Yukitaka, “Crônicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana”, Danna Levin Rojo y Federico Navarrete Linares (Org.), *Índios, mestizos y españoles – Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*, UNAM, México, 2007, p.79.

⁶ “...permite articular três registros da realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam, agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada...” Chartier, Roger, *À beira da falésia*, UFRGS, Porto Alegre, 2002, p.11.

⁷ Matienzo, Juan de, *Gobierno del Perú*, Edition et Etude préliminaire par Guillermo Lohmann Villena. IFEA, Paris/Lima, 1967 [1567].

Matienzo, mais tarde conferida ao *ayllu*, que passou a ser visto como um espaço físico representado pela aldeia.

A noção de territorialidade que cronistas europeus conferiram ao *ayllu* não está de acordo, na sua totalidade, com a realidade andina do período da conquista, pois havia diversos *ayllus* compostos por grupos migrantes e de artesãos e pescadores, que não necessariamente detinham um espaço territorial⁸. Por outro lado, o território ocupado por um ou vários *ayllus* se chamava *suyu*, que é o equivalente em quechua do vocábulo espanhol *parcialidad*. A diferença é que o *ayllu* era uma unidade de parentesco unida por uma origem comum e mítica. Enquanto o *suyu* ou parcialidade indicava as divisões sócio-políticas dos vários *ayllus* agrupados em bandos, isso facilitava a organização dos grupos humanos maiores. O *suyu* ou parcialidade tinha a função de ser uma parte dentro de um todo⁹.

Segundo John Murra, uma das instituições andinas mais debatidas e pior documentadas é o *ayllu*¹⁰. Existem estudos¹¹ que sustentam a idéia da existência do *ayllu* ou *hatha* (em *quechua* ou *aymara*) desde o período pré-incaico. Nesse período, o *ayllu* seria uma família extensa de linha matrilinear, o que, conforme Carlos N. Anavitarte, explica a presença de mulheres *curacas*¹². Com o desenvolvimento da agricultura, os *ayllus* transformaram-se em patriarcados. Esses *ayllus* tinham por base estrutural, além dos laços de parentesco, o vínculo religioso. Cada grupo tinha um antepassado comum e também seus próprios deuses e *huacas*¹³. O território pertencia a todos os membros do *ayllu* e a terra era cultivada comunitariamente através da ajuda recíproca. A reciprocidade era a principal característica

⁸ Rostworowski de Diez Canseco, Maria de, La voz parcialidad en su contexto en los siglos XVI y XVII, pp.42-43 e Pease, Franklin, Ayllu y parcialidad, reflexiones sobre el caso Collaguas, p.21. In: Castelli, Amalia et al, *Etnohistoria y antropología andina*, Centro de Proyección Cristiana, Lima, 1981.

⁹ Rostworowski de Diez Canseco, *Idem*, 1981, p.43.

¹⁰ Murra, John, "Temas de estructura social y economica en la etnohistoria y el antiguo folklore andino". In: *Folklore americano*. Año X, n.10, Lima, 1962, p.233.

¹¹ Ver por exemplo: Uhle, Max, *El aillu peruano*, Boletín de la Sociedad Geografica, Lima, 1911; Valcarcel, Luis, *Del ayllu al imperio*, Editorial Garcilaso, Lima, 1925; Cunow, Heinrich, *El sistema de parentesco peruano y las comunidades gentilicias de los incas*, J.A.Encinas e J. A. Jimenez, Paris, 1929 [1890], V.1; *Las comunidades de aldea y de marca del Perú antiguo*, J.A.Encinas e J.A.Jimenez, Paris,1929 [1891], V.2; *La organización social del imperio de los incas*, J.A.Encinas, Lima, 1933 [1895], V.3; Steward, H. Julian, *Handbook of South American Indians*, Cooper Square Publishers, INC, New York, 1963; Anavitarte, Carlos N., *El ayllu y la marca en el antiguo Peru*, Garcilaso, Cuzco, 1965; Mejia Valera, José, "Organización de la sociedad en el Peru preincaico", *Cuadernos Americanos*, Año XXXV, vol. CCIV, n.1, ener-febr, México, 1976; Lumbreras, Luis G., *Los origenes de la civilizacion en el Peru*. 5. ed. Milla Batres, Lima, 1981; Eich, Dieter, *Ayllú und Staat der Inka; zur Diskussion der asiatischen Produktionsweise*, Vervuet, Frankfurt, 1983.

¹² "senor principal de un pueblo" Rostworowski de Diez Canseco, María, *Historia del Tahuantinsuyu*. 2.ed.IEP, Lima, 1988a, p. 295; María Rostworowski afirma ainda que são "numerosas las referencias en documentos de archivos sobre la presencia de mujeres curacas que ejercían directamente el poder durante los siglos XV y XVI..." *La mujer en la época prehispánica*, IEP, Lima, 1988b, p. 6-7; Anavitarte, Carlos N., *Op. cit.*, 1965, p.16.

¹³ "o guaca, templo del ídolo o el mismo ídolo" Rostworowski de Diez Canseco, María, *Op. cit.* 1988a, p. 296.

dos grupos étnicos organizados em *ayllus*. Essa reciprocidade¹⁴ inicial se dava entre os membros do *ayllu* e o *curaca*, que era o responsável pela divisão da terra a ser cultivada e pelo armazenamento da produção. Suas terras também eram produzidas, bem como as que se destinavam à manutenção das *huacas* e o restante dos produtos eram redistribuídos entre o grupo. Conforme María Rostworowski, baseando-se nesse tipo de reciprocidade, os incas formaram o seu império, o *Tahuantinsuyu*¹⁵, pois, à medida que ampliavam suas conquistas, o número de *curacas* unidos ao Inca, por reciprocidade e por laços de parentesco, foi aumentando, o que resultou num crescimento da força de trabalho disponível¹⁶, aumentando a produção e gerando o excedente necessário à manutenção das ligações recíprocas com os *ayllus*.

A dificuldade em se analisar o *ayllu* em tempos pré-incaicos reside na falta de dados arqueológicos que comprovem as informações. Uma das obras existentes sobre o assunto é **Asto: curacazgo prehispánico de los Andes Centrales**, de Danièle Lavallée e Michèle Julien¹⁷. Essas duas arqueólogas mostraram como a família extensa utilizava uma habitação, conforme os resultados obtidos de um trabalho arqueológico que trata de reconstruir a ocupação de um sítio em função do agrupamento familiar.

Para analisarmos o período pré-colonial, podemos utilizar as crônicas espanholas e indígenas do século XVI. O problema é que estamos trabalhando com representações e no caso dos cronistas espanhóis, estes, ao se depararem com realidades distintas das suas, traduziram para sua linguagem os conceitos relativos à estruturação do mundo andino, o mesmo ocorrendo em relação ao *ayllu*. O europeu da conquista via o que queria ver e rejeitava aquilo para o qual não estava mentalmente preparado¹⁸. Não podemos nos esquecer que, apesar de pertencerem à Idade Moderna, esses homens que eram movidos pela ambição de riqueza, estavam imbuídos de categorias do medievo europeu, ligadas à religiosidade, onde o

¹⁴ Para uma melhor compreensão do significado de reciprocidade, consultar as obras de Mauss, Marcel, *Sociologia e antropologia*, EPU/EDUSP, São Paulo, 1974, v.II; Sahlins, Marshall, *Economía de la edad de piedra*, Akal, Madrid, 1977 e Temple, Dominique, *Estructura comunitaria y reciprocidad: del quid-pro-quo histórico al ecomunicidio*, Hisbol-Chitakolla, La Paz, 1989. Para Mauss as “prestaciones e contra-prestaciones são feitas de uma forma sobretudo voluntária, por presentes, regalos, embora sejam, no fundo, rigorosamente obrigatórias...” In: 1974, p.45. Na análise de Marshall Sahlins, é a necessidade de atender aos imperativos do sistema de reciprocidade que origina o dom, In: 1977, p. 151. Já para Temple, o dom e o contra-dom funcionam como mecanismos propulsores da produção. In: 1989, p. 122.

¹⁵ “...(Tawantinsuyu = las cuatro partes del mundo = todo el mundo), llamado imperio de los incas por los cronistas del siglo XVI”. In: Pease, Franklin, *Los Incas*, 2.ed. Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 1992, p. 35.

¹⁶ Rostworowski de Diez Canseco, María, *Op. cit.*, 1988a, p.65.

¹⁷ Lavallée, Danièle, Julien, Michèle, *Asto: curacazgo prehispánico de los Andes Centrales*, IEP, Lima, 1983.

¹⁸ Elliott, J. H., *O velho mundo e o novo; 1492-1650*, Quercó, Lisboa, 1984, p.28.

medo do desconhecido, do outro, levou-os a imaginar um paraíso além mar¹⁹ e, quando se depararam com a América, assimilaram esse *Mundus Novus* paulatinamente. Já nas crônicas indígenas, como na de Guaman Poma de Ayala (1615), embora não apareça uma definição de *ayllu*, encontramos um esquema de funcionamento dessa estrutura e informações sobre os mecanismos de reciprocidade que justificavam o *ayllu*. Sendo estes cronistas espanhóis ou indígenas, o que nos fornecem são imagens do *ayllu* e não comprovadamente uma reprodução plena de tal estrutura; de qualquer forma, podemos utilizar tais fontes para tentar compreender a diferenciação entre o *ayllu* pré-hispânico e o colonial.

Na documentação do século XVI, lê-se que o *Tahuantinsuyu* nasceu da anexação de diversas etnias, baixo ao controle político-religioso do chefe Inca, pois este era o filho do deus Sol. A reciprocidade, como já mencionamos, foi fundamental para a expansão do território inca, tanto que os povos que desconheciam esse sistema não aceitaram a dominação incaica. O Inca estabelecia ligações com os chefes de *ayllus*, oferecendo presentes em troca de trabalho ou, como nos mostra John Murra, estabelecendo laços de parentesco, contraindo em casamento filhas desses *curacas*²⁰. Porém, depois, esse sistema tornou-se impraticável devido às grandes dimensões do império. Desse modo, quando um grupo não aceitava o domínio através da reciprocidade, o Inca colocava um funcionário de sua confiança no lugar do *curaca* local, estabelecendo, assim, suas regras organizativas. O aumento do território e da população ocasionou a necessidade de maior produção para ser redistribuída e atender ao sistema de reciprocidade.

Karl Polanyi aplica os conceitos de reciprocidade e redistribuição no estudo de populações africanas²¹ e John Murra os reutiliza, caracterizando o *Tahuantinsuyu* como sendo um Estado²² redistributivo²³, não porque fosse um Estado com fins humanitários, mas porque

¹⁹ Ver Todorov, Tzvetan, *A conquista da América*; a questão do outro, Martins Fontes, São Paulo, 1983; Silva-Santisteban, Fernando, El significado de la conquista y el proceso de aculturación hispano-andino. In: Solano, Francisco et al. *Proceso Histórico al conquistador*, Alianza Editorial, Madrid, 1988; Delumeau, Jean, *História do medo no Ocidente*; 1300-1800 uma cidade sitiada, Companhia das Letras, São Paulo, 1989;

O’Gorman, Edmundo, *A invenção da América*, UNESP, São Paulo, 1992.

²⁰ Murra, John, “La guerre et les rébellions dans l’expansion de l’État inka”, *Annales*; économies, sociétés, civilisations. 33e année, n.5-6, sep-déc, Paris, 1978, p.929.

²¹ Polanyi, Karl et al, *Trade and Markets in the Early Empires*, The Free Press Glencoe, Illinois, 1957.

²² Estado - “Desde el punto de vista antropológico, como político, y tal como lo define Kelsen, ‘el Estado es una sociedad políticamente organizada bajo un ordenamiento coercitivo’. Es exacta la definición del célebre jurista, puesto que al decir ‘políticamente organizada’ se está refiriendo a sociedades cuya organización incluye varios linajes, clanes o tribus, y la organización ‘política’ empieza con la unión, dominio o cooperación de grupos distintos por encima de los lazos de parentesco; y al decir ‘coercitivo’ alude a la característica fundamental del Estado señalada por Max Weber, quien lo definió como ‘la asociación humana que reclama para sí, con éxito, el monopolio legítimo de la fuerza física’. Como quiera que se lo interprete el Estado está relacionado con el poder político y con el control de los excedentes de la producción” Silva-Santisteban, Fernando, Desarrollo

isso era essencial para manter a coesão do Império. Isso ocasionou mudanças na organização produtiva dos *ayllus*, pois, se antes a reciprocidade e a redistribuição se davam em função das relações de parentesco entre o chefe do *ayllu* e seus membros, agora passam a ocorrer em função da relação político-religiosa estabelecida entre esses grupos e o Estado inca²⁴.

Durante o domínio inca, os *ayllus* permaneceram como grupos ligados por laços de parentesco e aqueles que tinham a posse da terra, perderam-na, passando esta ao controle do Estado que, por sua vez, a dividiu em terra do Sol, do Estado e do povo. A cada ano era feita a redistribuição de *tupus*²⁵, lotes de terra suficientes para o sustento de cada família. Também eram distribuídas as tarefas de produção estatal da terra, pois esse tipo de trabalho, ou *mita*²⁶, era o tributo que o Estado exigia à população em troca de benefícios coletivos ou individuais. Desse modo, o sistema comunitário de produção, baseado em laços de parentesco do *ayllu*, é reutilizado no *Tahuantinsuyu* com fins expansionistas.

Muitos grupos étnicos permaneceram insatisfeitos sob o domínio inca, pois também foi utilizada a coerção. Por outro lado, o crescimento em demasia do território dominado originou uma maior demanda de produtos para serem redistribuídos e nem sempre o Inca conseguiu satisfazer os *curacas*, que esperavam dele presentes e regalias. Esse descontentamento vai se refletir mais tarde, quando chegam os espanhóis, pois muitos desses *curacas* aliam-se ao inimigo com o objetivo de libertarem-se do jugo incaico e de estabelecerem novas relações de reciprocidade.

Quando Francisco Pizarro chegou a Tumbez, em 1532, o *Tahuantinsuyu* estava dividido pela disputa dos dois irmãos, Huascar e Atahualpa, pela *mascapaicha*²⁷. O Inca Huayna Capac havia ido guerrear no norte do território incaico e aí morreu vítima de uma epidemia de varíola e sarampo. Huascar era considerado o melhor candidato a substituir seu pai, visto que ele era filho do Inca com a *coya*, esposa principal. Ao contrário do que ocorria nos *ayllus* comuns, em que o sistema era patrilinear e exogâmico, entre as *panacas* ou *ayllus*

tecnológico, ideologia y espacios de poder en el Peru antiguo. In: Curatola, Marco, Silva-Santisteban, Fernando, (eds.) *Historia y cultura del Peru*, Universidad de Lima/Museo de la Nacion, Lima, 1994, p.296-297.

²³ Murra, John, *La organización económica del estado Inca*. 3. ed. Siglo XXI Editores, México, 1983, p.198.

²⁴ Godelier, Maurice, *Horizontes da antropologia*, 2.ed. Edições 70, Lisboa, 1977, pp.336-337.

²⁵ *Tupu* - "... **tupu** fue el lote de tierra requerido para el mantenimiento de un matrimonio sin hijos, ya que un tributario del incario recibía una parcela al casarse que debía satisfacer a sus necesidades" Rostworowski de Diez Canseco, María, *Ensayos de historia andina: élites, etnías, recursos*. EP/BCRP, Lima, 1993, p.178.

²⁶ *Mita* - "La mita o prestación de servicios rotativa es un concepto muy andino que se empleó para efectuar trabajos ordenados cíclicamente en un determinado momento. Toda obra contenía la idea de mita, de repetición a su tiempo, de ahí que trabajos muy diferentes fuesen ejecutados bajo el sistema de prestaciones rotativas" Rostworowski de Diez Canseco, *Op. cit.*, 1988a, p. 237.

²⁷ *Mascapaicha* - "Mazcca paycha. Borla que era insignia Real, o corona de Rey" Gonzalez Holguin, Diego, *Vocabulario de la lengua general de todo el Perú llamada quichua o del Inca*. 3. ed. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 1989 [1608], p.232.

reais, a linha de descendência era matrilinear e endogâmica. Porém, apesar da aparente desvantagem de Atahualpa, ele tinha direito a disputar o poder, pois também era filho do Inca. Depois de alguns confrontos com seu irmão, Atahualpa terminou por vencê-lo.

Atahualpa encontrava-se em Cajamarca quando Pizarro chegou e o aprisionou. A conquista do povo inca se deu de modo aparentemente fácil, pois estes não ofereceram resistência, já que não foram atacados. A falta de coesão diante do perigo, a insatisfação de alguns chefes étnicos em relação ao Estado e a debilidade diante do armamento espanhol foram alguns dos fatores que propiciaram a sua derrota.

Depois da conquista inicial, começam a aparecer os primeiros documentos que descrevem não só os feitos dos espanhóis, mas também as organizações das etnias encontradas no que hoje conhecemos por Peru.

O século XVI é extremamente complexo de ser analisado, pois como afirma Luis Millones, esse período é o mais importante da história americana²⁸ por terem acontecido grandes mudanças. A maioria dos pesquisadores se concentra no estudo desse século, havendo quem se dedique a um estudo diacrônico da sociedade andina desde a época pré-hispânica até os dias atuais. No caso específico das pesquisas sobre o *ayllu*, dispomos de importantes estudos que buscam, na evolução histórica dessa estrutura, compreender como se originou a atual comunidade indígena²⁹.

Um trabalho de destaque é a tese de doutorado de José María Arguedas, na qual esse pesquisador procura provar que as comunidades indígenas contemporâneas são resultado das transformações ocorridas no período colonial. Nessa época, o vice-rei Toledo manda reagrupar diversos *ayllus* em reduções, que seriam ‘sobrevivências’ das comunidades de Castela no Peru, com o intuito de evitar que os índios fossem explorados só por encomendeiros e garantir o seu aproveitamento para a economia real³⁰. Fuenzalida Vollmar, como Arguedas, crê que a comunidade indígena teve origem no período colonial, mas acrescenta que o *ayllu*, enquanto família extensa, vira uma *cofradía*³¹, ou seja, une laços

²⁸ Millones, Luis, “Etnohistoriadores y etnohistoria andina: una tarea difícil, una disciplina heterodoxa”. *Socialismo y participación*. n.14, jun., Lima, 1981, p.77.

²⁹ Ver Arellano Hoffmann, Carmen, *Apuntes históricos sobre la Provincia de Tarma en la Sierra Central del Perú. El Kuraka y los ayllus bajo la dominación colonial española, siglos XVI-XVIII*, BAS, Bonn, 1988; “Zur Bedeutung und Gebrauch des Begriffs Ayllu; Neue Erkenntnisse über die innere Funktion eines Beispiels einer Kolonialzeitlichen Dorfgemeinschaft in Tarma/Peru”. *Beiträge zur Kulturgeschichte des westlichen Südamerika*. Westdeutscher Verlag, Bonn, 1990; “Los títulos de comunidades como fuentes para una reconstrucción histórica de límites de las antiguas etnias andinas: el ejemplo de Tarma en la sierra central del Perú”. *América Indígena*. n.4, 1994.

³⁰ Arguedas, José María, *Las comunidades de España y del Perú*, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 1968, p.6.

³¹ Cofradía - “...se distingue de la comunidad porque se funda primeramente con fines religiosos”

parentais aos rituais cristãos³². Esses estudos partem da análise de problemas e regiões concretas, o que, por vezes, provoca uma fragmentação dos conhecimentos, acentuando as diferenças regionais e distorcendo a realidade andina pré-hispânica, colonial e contemporânea³³.

Em síntese, antes da chegada dos espanhóis, o *ayllu* tratava-se de um grupo ligado por laços de parentesco, além de outras características já tratadas e, sob o domínio incaico, foi inserido num contexto maior, tendo por função o sistema produtivo do Estado inca. No período colonial, o *ayllu* aparece nos relatos de cronistas não só como linhagem, mas também como povoado, transformando assim sua antiga conotação. Depois das reduções toledanas, também muda a sua organização e o *ayllu* passa a representar não só uma unidade de parentesco, mas também uma unidade política territorial em que o objetivo foi proporcionar mão-de-obra disponível para as tarefas coloniais.

As reduções do vice-rei Toledo ocorreram a partir de 1560; por isso, é importante analisar documentação relativa a todo o século XVI, visando conhecer as diversas representações dadas ao *ayllu* por espanhóis e indígenas que descreveram o *ayllu* do período da conquista e também quando esta estrutura foi inserida no contexto político colonial.

Os cronistas espanhóis, ao tratarem o assunto, não estavam apenas influenciados pela realidade colonial peruana, mas também por critérios trazidos da Espanha, como a concepção que tinham de suas próprias comunidades camponesas. Isso deve ter sido determinante nas análises que fizeram do *ayllu*. Através de uma revisão crítica do que pensavam os cronistas desse período a respeito do *ayllu*, pode-se confrontar informações, para perceber o que se confirma e o que se contradiz nesses documentos e, a partir daí, perceber como se deu a identificação de *ayllu* com comunidade e redução na passagem do período pré-hispânico para o colonial.

3. CRÔNICAS NO SÉCULO XVI

Para podermos realizar um estudo da representação dada ao *ayllu* por cronistas do século XVI, deveremos revisar os textos redigidos nesse período, dando maior atenção

Celestino, Olinda, Meyers, Albert, La posible articulacion del ayllu a traves de las cofradías. In: Castelli, Amalia et al. *Op. cit.*, 1981, p.300.

³² Fuenzalida Vollmar, Fernando, Estructura de la comunidad de indigenas tradicional; una hipótesis de trabajo. Matos Mar, José (comp.), *Hacienda, comunidad y campesinado en el Perú* 2.ed. IEP, Lima, 1976, p.244.

³³ Cock, Guillermo, El ayllu en la sociedad andina: alcances y perspectivas. In: Castelli, Amalia et al. *Op. cit.*, 1981, pp.232-233.

àqueles produzidos no momento da conquista e primeiros anos de colonização, visto serem os que oferecem maiores possibilidades de veracidade.

Percebemos, no entanto, haver pouco material que informe a respeito da realidade física e humana entre os anos de 1530 e 40. Podemos contar, para tal, apenas com a curta relação de Juan Ruiz de Arce³⁴ e a de Pascual de Andagoya³⁵. Para explicar essa ausência de produção podemos cogitar que os espanhóis, que chegaram ao Peru, tinham interesses mais prementes do que relatar os costumes indígenas, como no caso dos religiosos, que, nos primeiros momentos de contato com esse mundo, preferiram participar e intervir nos conflitos dos conquistadores³⁶. Como bem relatou Cieza de León, os franciscanos que acompanharam Pizarro até Tumbez, quando não viram os dobrões de ouro, pediram licença para se retirarem e regressar à Nicarágua³⁷.

Outro fator relevante seria a inexistência de escrita no mundo andino, o que dificultava a coleta de dados, requerendo um esforço maior por parte dos cronistas para reconstruir e estruturar a tradição oral desse povo.

No entanto, estas circunstâncias não podiam prorrogar o desinteresse por parte dos espanhóis sobre essa gente e o espaço que acabavam de conquistar. Obedecendo a este interesse, apareceram as primeiras informações dirigidas por governadores e vice-reis do Peru, desde a de Vaca de Castro, passando à de La Gasca, chegando à de Francisco de Toledo, que, já no fim do século XVI, foi um dos que mais se preocupou em aprofundar tais pesquisas³⁸.

Para dar continuidade a esse tipo de informação, aparecem também crônicas redigidas por soldados e religiosos da conquista e período colonial inicial, e posteriormente, textos elaborados por indígenas.

Os cronistas do período da conquista foram aqueles que coletaram seus dados junto aos *quipo-camayoc*, homens que eram responsáveis, entre outras coisas, por conservar a história incaica. Porém, essa é a chamada tradição “oficial”, da qual absorveram seus dados Cieza de León³⁹, Cabello Valboa⁴⁰ e Martín Murua⁴¹, por exemplo. Outros recolheram suas

³⁴ Ruiz de Arce, Juan, Advertencia que hizo el fundador del vínculo y mayorazgo a los sucesores de él. *Tres testigos de la conquista del Perú*. Ariel Universal, Guayaquil, 1975.

³⁵ Andagoya, Pascual de, *Relación y documentos*, Historia 16, Madrid, 1986.

³⁶ Duviols, Pierre, *La lutte contre les religions autochtones dans le Pérou colonial “L’extirpation de l’idolatrie” entre 1532 a 1660*, IFEA, Paris, 1971.

³⁷ Cieza de León, Pedro, *Crónica del Perú*, Tercera parte, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 1989, cap. XXXVII, p.110.

³⁸ Bravo Guerreira, María Concepción, González Pujana, Laura, “Corrientes informativas de la historiografía peruana en la década de 1550”, *Congreso de historia del descubrimiento – Actas*, Real Academia de la Historia, Madrid, 1992, t.IV, p.344.

³⁹ Cieza de León, Pedro, *Crónica del Perú*, Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 1991[1553], 4.v.

informações junto a chefes de diferentes localidades que lhes contavam suas memórias pessoais, sendo esse o material que originou as **Relaciones Geográficas de Indias**⁴² e que, também, foi utilizado por Sarmiento de Gamboa⁴³ e Francisco de Toledo⁴⁴.

O período de maior interesse para a realização de uma investigação a respeito do *ayllu* no século XVI abarca os primeiros anos de conquista até à década de 80, quando se modificam os critérios de análise do incário e quando ocorrem as grandes mudanças coloniais, representadas pela implantação das reduções toledanas. Partindo desse postulado metodológico, é possível vislumbrar as principais representações conferidas a essa estrutura de parentesco andina.

Segundo Domingo Santo Tomás, o *ayllu* era a linhagem, geração ou família e a *marca* ou *llacta* tinham como significado, povoado ou cidade⁴⁵. Essa informação se confirma, ao consultarmos o dicionário de Ludovico Bertonio, em que este traduz *ayllu* como sendo linhagem ou *parcialidad de indios*, melhor denominada *hatha*, e a *marca*, como acima mencionado, trata-se do povoado⁴⁶. Através da análise dos léxicos produzidos por esses dois autores, percebemos que os espanhóis tiveram acesso ao verdadeiro significado do vocábulo *ayllu*, mas, ao aplicarem tal estrutura em distintas funções, a mesma acabou adquirindo no período colonial outra conotação.

Quando estudamos esse tema, percebemos que não podemos trabalhar a concepção de *ayllu* genericamente, pois nem todas as regiões do Peru utilizaram esse vocábulo para designar o sistema de parentesco que unia diferentes grupos étnicos. Prova disso, é a região norte andina, onde a população não vivia organizada em *ayllus* e sim, em *pachacas* e *huarangas*⁴⁷. O que se discute, é se *pachaca* e *ayllu* se corresponderiam como sinônimos,

⁴⁰ Cabello Valboa, Miguel, *Miscelánea Antártica*, UNMSM, Lima, 1951[1586].

⁴¹ Murua, Martín, *Historia del origen y genealogía de los reyes incas del Perú, de sus hechos, costumbres, trajes y maneras de gobierno*, Urteaga y Romero, Lima, 1922[1590].

⁴² Jimenez de la Espada, Marcos, *Relaciones Geográficas de Indias*, Atlas, Madrid, 1965[1586].

⁴³ Sarmiento de Gamboa, Pedro, *Historia de los Incas*, Emecé, Buenos Aires, 1947[1572].

⁴⁴ Toledo, Francisco de, Informaciones acerca del señorío y gobierno de los incas In: Leviller, R., *Don Francisco de Toledo supremo organizador del Perú*, Colección Biblioteca del Congreso Argentino, Buenos Aires, 1940[1570-72] e Ordenanzas que el señor visorey don Francisco de Toledo hizo para el buen gobierno de estos reinos del Perú In: Leviller, R., *Op. cit.*, 1925[1572-75].

⁴⁵ Santo Tomás, Domingo de, *Lexicon o vocabulario de la lengua general de Peru*, Ed. Facsimilar Raúl Porras Barrenechea / Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, 1951 [1560], pp.232, 306 e 318.

⁴⁶ Bertonio, Ludovico, *Vocabulario de la lengua aymara*. CERES, Cochabamba, 1984[1612], pp.28, 217 e 293.

⁴⁷ *Las visitas a Cajamarca, 1571-72./1578*, Estudios preliminares de María Rostworowski y Pilar Remy, IEP, Lima, 1992, 2t., p.72.

pois, para María Rostworowski e Waldemar Espinoza, *pachaca* seria o equivalente de *ayllu* para a serra norte⁴⁸.

Outro termo, que foi usualmente utilizado em documentos do século XVI em referência ao *ayllu*, foi o vocábulo *parcialidad*, que na verdade, para os cronistas, nada mais era que o *ayllu* em si, mas mesclado a uma conotação territorial⁴⁹.

Os exemplos acima mencionados provam que trabalhar a representação de *ayllu* encontrada nas crônicas do século XVI, demanda um conhecimento do vocabulário *quechua* e espanhol empregado nesse período, para ser possível perceber as diversas conotações atribuídas ao *ayllu* e às modificações sofridas ao longo da história da conquista e colonização espanhola desse território.

O cronista Cieza de León é fundamental para a compreensão do *ayllu*, mesmo sendo um soldado que vivenciou o período inicial da conquista e, como se sabe, eram raros aqueles que dominavam a língua *quechua*. Ele, diferentemente de seus companheiros, tinha uma curiosidade aguçada e sagaz e soube captar a realidade andina, transpondo esses limites linguísticos. Na sua crônica não aparece o vocábulo *ayllu*, provavelmente pelo desconhecimento da língua nativa ou, como afirma Franklin Pease, porque o termo não era utilizado nos Andes antes do período toledano, tendo sido difundido seu uso em documentos coloniais dessa época⁵⁰. Apesar disso, Cieza de León abordou aspectos relativos à sucessão incaica, enfatizando o caráter matrilinear da família do Inca, em que o Inca deveria se casar com sua irmã, filha legítima por parte de pai e mãe, para garantir a sucessão dentro de sua própria família⁵¹.

Quando se refere a outras etnias que compunham o Tahuantinsuyu, o cronista utiliza o termo linhagem, refletindo sua compreensão do sistema de parentesco como base da organização social andina.

⁴⁸ Rostworowski de Diez Canseco, María, La voz parcialidad en su contexto en los siglos XVI y XVII; Espinoza Soriano, Waldemar, El fundamento territorial del ayllu serrano. Siglos XV y XVI, In: Casteli, Amalia et al. *Op. cit.*, 1981, pp.39 e 114.

⁴⁹ “Y sus terneis cuidado e ansi uso lo mandamos que sepais las parcialidades que hay en la tierra de cada cacique e quel es el que mas mandae si las huviere asentareis por si cada parcialidad con sus yndios aparte con el cacique que la mandare e pondreis por escripto quanto ay de vna a otra e quantos yndios tiene porque si se huviere de partir el cacique en dos personas sepamos como se ade dividir y se escusen pleitos entre los pobladores e sin ellos puedan mejor servir a su magestad y entender en la poblacion de la tierra” – “Instrucción que el Marqués Francisco Pizarro dio a Diego Verdigo para la visita que había de hacer desde Chicama hasta Tucome. Los Reyes, 4 de junio de 1540”. In: Levillier, Roberto, *Gobernantes del Perú. Cartas y papeles. Siglo XVI*, Sucesores de Rivadeneira, Madrid, 1921, T.1, pp.20-22.

⁵⁰ Pease, 1981, pp. 27-28.

⁵¹ Cieza de León, 1553, p. 25.

Juan Betanzos⁵² equipara-se em valor etnográfico a Cieza de León, pois apesar de ter se casado com a irmã de Atahualpa, ainda se transformou no intérprete oficial de Pizarro, visto ser conhecedor da língua *quechua*.

Os cronistas Lopez de Gomara⁵³ e Agustín de Zarate⁵⁴ produziram obras mais difíceis de ser analisadas, já que o primeiro sequer esteve no Peru, produzindo sua crônica conforme dados alheios, e Zárate esteve pouco tempo em terras andinas, elaborando seu livro a partir de resumidas anotações que levou consigo e de partes de outros documentos.

A obra de Juan de Matienzo⁵⁵ é de grande importância para apreendermos o momento histórico em que o *ayllu* se transforma em um espaço territorial, pois este cronista foi o mentor das reduções toledanas. De cunho jurídico, esta crônica representou o discurso de legitimação do poder espanhol sobre o povo inca. Ele se preocupou em reagrupar as diversas etnias que viviam em parcialidades, formadas por *ayllus*. Quando utilizou o termo *ayllu*, associou-o à idéia de povoado, visto que seu interesse era a demarcação territorial e o número de habitantes a serem inseridos no sistema reducional.

Matienzo, Francisco de Toledo e Sarmiento de Gamboa representam a tendência anti-incaica em suas crônicas, apresentando os incas não como um povo primitivo, mas um povo de perfeita organização e que subjuguava o restante da população de forma tirânica; por isso, era legítimo o poder espanhol sobre os incas, pois libertaram as populações andinas “escravizadas” por estes. Já os cronistas que apoiavam o incário enalteciam essa organização com o intuito de provar o alto nível cultural e político desse povo. Tanto as fontes a favor dos incas, como as contrárias estavam de acordo quanto à excelente organização incaica⁵⁶.

Polo de Ondegardo⁵⁷, apesar de não ter sido um cronista que tenha produzido uma obra importante para a análise do mundo incaico, o foi para o período colonial. Ele foi um opositor da perpetuação do sistema de *encomienda*, visto ser uma injustiça os espanhóis apoderarem-se, inclusive, das terras que outrora pertenciam ao povo, pois nem os incas usurparam da população o direito à terra. A parte que cabia ao Inca e ao Sol era plantada coletivamente e a restante era administrada pela autoridade local com fins tributários. Os

⁵² Betanzos, Juan, Suma y narración de los Incas In: *Crónicas peruanas de interés indígena*, Atlas, Madrid, 1968[1551].

⁵³ Lopez de Gomara, Francisco, *Historia de las Indias y conquista de México*, Miguel de Zapila, Zaragoza, s/d[1552].

⁵⁴ Zarate, Agustín de, Historia del descubrimiento y conquista del Perú In: *Biblioteca peruana*, Ed. Tecnicos Asociados, Lima, 1968[1555].

⁵⁵ Matienzo, Juan de, *Gobierno del Perú*, IFEA, Lima, 1967[1567].

⁵⁶ Wedin, Ake, *El concepto de lo incaico y las fuentes*. Akademiförlaget, Uppsala, 1966, p.77.

⁵⁷ Polo de Ondegardo, Juan, De los errores y supersticiones de los indios In: *Confesionario*, Antonio Ricardo, Lima, 1585[1554].

espanhois, ao instalarem a *encomienda*, não satisfeitos de se apoderarem da totalidade territorial, também obrigaram a população indígena a uma nova tributação.

Obras menores, como as de Cristóbal de Molina - o Cuzquenho⁵⁸ - e Francisco Falcón⁵⁹, também merecem atenção por parte do pesquisador, visto que são compostas a partir de materiais coletados diretamente por seus autores junto ao povo andino.

A crônica de José Acosta⁶⁰ deve ser analisada tão somente para perceber a visão de um religioso sobre o mundo indígena, pois, apesar de sua conhecida importância para os estudos dos povos pré-colombianos, quando se refere ao Peru, utiliza as informações de Polo de Ondegardo, já que a transcrição era uma prática corriqueira na época. De qualquer forma, oscila ao descrever o *ayllu* e a *panaca* (família do Inca), pois, tanto lhes atribui um significado de linhagem como territorial, visto ser contemporâneo do funcionamento das reduções.

Com o intuito de contrapor distintas representações do *ayllu*, faz-se necessário o estudo não somente das obras redigidas pelos espanhóis, mas também de indígenas e mestiços. Existem poucas fontes, mas de fundamental importância para compreensão dessa estrutura andina. Sabemos que estes cronistas mesclaram critérios europeus e indígenas e alguns também recolheram seus dados junto aos nobres de Cuzco, como foi o caso de Garcilaso de la Vega⁶¹. Mestiço, filho de um conquistador espanhol e de uma princesa inca, passou sua infância no Peru, mas logo foi para a Espanha, onde estudou e redigiu sua crônica. Seu discurso é adaptado ao público espanhol e por isso mesmo chega a negar a existência de sacrifícios humanos entre os incas, visto ser algo repulsivo à mente europeia.

Joan Santa Cruz Pachacuti⁶², Guaman Poma de Ayala⁶³ e Titu Cusi⁶⁴ são índios, que escreveram no início do século XVII, o que não invalida a importância de suas obras. Suas crônicas baseiam-se nos relatos heroicos dos cuzquenhos e simbolizam o resultado de um movimento de adaptações, assimilações, reelaborações e inclusive recusas e ações contra-aculturativas⁶⁵.

⁵⁸ Molina, Cristóbal de (Cuzqueño), *Fábulas y ritos de los Incas*, Horacio Urteaga y Carlos A. Romero, Lima, 1916[1574].

⁵⁹ Falcón, Francisco, Representación hecha en concilio provincial, sobre los daños y molestias que se hacen a los indios In: *Colección de documentos inéditos del Archivo de Indias*, Madrid, 1867[15_?].

⁶⁰ Acosta, José, **Obras**, Atlas, Madrid, 1954. Nesta edição se encontram Historia natural y moral de las Indias e De procuranda indorum salute, entre outros escritos menores.

⁶¹ Garcilaso de la Vega, Inca, *Historia General del Perú*, Emecé, Buenos Aires, 1943[1609 e 1617].

⁶² Santa Cruz Pachacuti, Joan de, Relación de antigüedades deste reyno del Perú In: *Crónicas Peruanas de interés indígena*, BAE, Madrid, 1968[1613].

⁶³ Guaman Poma de Ayala, Felipe, *Nueva crónica y buen gobierno*, Fondo de Cultura Económica, Lima, 1993[1615].

⁶⁴ Titu Cusi Yupanqui, *Relación de la conquista del Perú*, Ed. de la Biblioteca Universitaria, Lima, 1973[1570].

⁶⁵ Silva-Santisteban, Fernando, El significado de la conquista y el proceso de aculturación hispano-andino. In: Solano, Francisco et al, *Proceso histórico al conquistador*, Alianza, Madrid, 1988, pp.147-150.

Nathan Wachtel abordou, em várias obras, o conceito de aculturação, deixando transparecer uma tendência de colocar em oposição tradição e aculturação, o que leva a uma simplificação do processo de absorção dos novos elementos culturais, considerados superficiais e desestruturadores⁶⁶.

Já Steven Stern, ao tratar as mudanças ocorridas com os índios que ficaram frente aos ocidentais, prefere denominar esse processo de resistência adaptativa, em que os índios procuraram as melhores condições de sobrevivência⁶⁷. Para contrastar, temos ainda o posicionamento de Serge Gruzinski, que considera as mudanças culturais propícias à reorganização e resistência indígena, pois a colaboração e adaptação à nova realidade eram fundamentais como métodos de sobrevivência cultural⁶⁸.

Mesmo sendo fruto de uma visão de ladinos, não significa que as crônicas indígenas representem o mundo andino de forma distorcida ou preconceituosa; muito pelo contrário, algumas se constituíram em verdadeiros discursos apologéticos e de resistência cultural.

Pachacuti, profundamente cristianizado, fez de sua crônica um catecismo, utilizando conceitos teológicos para explicar o mundo andino desde sua origem⁶⁹. Abordou a história dos soberanos incas e, conseqüentemente, explicou o funcionamento das *panacas*, cuja característica principal era a consanguinidade. Também explicou o uso de trajes e penteados como símbolos de diferenciação entre os distintos *ayllus*.

Guaman Poma e Titu Cusi representam a oposição ao mundo colonial com seus escritos apologéticos e cheios de contradições, fato plausível, já que eram homens andinos que haviam sido educados e cristianizados pelos espanhóis.

No caso específico de Guaman Poma, por ter passado a vida em companhia de Cristóbal de Albornoz, um Visitador de Idolatrias, acabou aprendendo os códigos culturais europeus e os utilizou para pleitear direitos por descender dos Yarovilca e de homens que serviram aos Incas em importantes postos⁷⁰. Em sua crônica, ofereceu detalhes sobre a

⁶⁶ Ver Wachtel, Nathan, *Los vencidos. Los indios del Perú frente a la conquista española (1530-1570)*. Alianza, Madrid, 1976; Idem. A aculturação. In: Le Goff, Jacques, Nora, Pierre, *História: Novos Problemas*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1988; ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios aldeados no Rio de Janeiro colonial – Novos súditos cristãos do Império Português*. Tese de Doutorado da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2000, p.45.

⁶⁷ Stern, Steve, *Resistance, rebellion and consciounes in the Andean Peasant World, 18th to 20th Centuries*, The University of Wisconsin Press, Wisconsin, 1987.

⁶⁸ Gruzinski, Serge, “La red agujerada – identidades étnicas y occidentalizacion en el Mexico colonial (siglos XVI-XIX)”, *América Indígena*, Mexico, n.3, jul-set, Vol. XLVI, 1986.

⁶⁹ Portugal, Ana Raquel, *O conceito de ayllu nas crônicas de interesse peruano do século XVI*, São Leopoldo, Dissertação de Mestrado/UNISINOS, 1995, p.78.

⁷⁰ Adorno, Rolena. Guaman Poma y su crónica ilustrada del Perú colonial: un siglo de investigaciones hacia una nueva era de lectura. Museum Tusulanum Press, University of Copenhagen, and The Royal Library, Copenhagen, 2001, p.4.

organização andina baseada no *ayllu*, como família extensa, que trabalhava a terra comunalmente e tinha costumes diferenciados dos demais grupos. Defendeu seu povo contra os abusos de *encomenderos*, padres e até mesmo *curacas*, utilizando para isso argumentos que revitalizavam costumes indígenas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas do século XVI representam o resultado da confluência de discursos distintos em que espanhóis e indígenas procuram conhecer o outro, recorrendo a suas próprias referências culturais. Por outro lado, segundo Ramón Iglesia, os relatos produzidos nessa época eram considerados patrimônio comum e os cronistas liam-se uns aos outros no momento de produção de suas próprias crônicas⁷¹.

Cieza de León, por exemplo, identificou o *ayllu* com genealogia e linhagem, pois em sua obra tratou com veemência a "dinastia" dos soberanos incas. Deixou transparecer algumas características inerentes ao *ayllu*, porém não utilizou este vocábulo e dedicou-se maiormente à descrição das conquistas incaicas.

Já a idéia de territorialidade ligada à acepção de *ayllu* tem origem na obra de Juan de Matienzo, que delineou o projeto de reagrupar os índios em vários povoados. Segundo o cronista, os *ayllus* faziam parte das parcialidades, que seriam as partes de uma região; por isso, quando propôs a integração dos *ayllus* em reduções, conferiu-lhes um sentido de territorialidade. Essa acepção originou a identificação de *ayllu* e redução, pois não importavam os laços de parentesco que uniam esses índios, e sim, o aldeamento em que viviam, favorecendo o controle administrativo espanhol.

Os cronistas utilizaram critérios pertencentes ao mundo espanhol para interpretar o mundo andino. Pode-se destacar o fato de todos organizarem dinasticamente a ordem dos soberanos Incas, tendo-os como monarcas, que seriam sucedidos pelo filho primogênito, não admitindo a bastardia representada pelo Inca Atahualpa, que foi consensualmente condenado por eles.

No caso dos cronistas indígenas, sabemos que as transformações culturais por eles vividas se refletiram em suas obras, visto que as categorias europeias perpassaram o conteúdo

⁷¹ Iglesia, Ramon, *Cronistas e historiadores de la conquista de México*, Biblioteca de la Ciudad de México, México, s/d., p. 203.

de suas crônicas. Apesar disso, podemos discernir uma representação de *ayllu* próxima da concepção andina dessa estrutura.

Garcilaso de la Vega (1609) mostrou conhecer a organização interna do *ayllu* que, segundo o cronista, constituía-se por laços de parentesco e seus integrantes trabalhavam comunalmente a terra. Também diferenciou o *ayllu* da *panaca*, pelo caráter exogâmico e endogâmico de cada estrutura. No caso de Pachacuti (1613), cuja obra é diferenciada por tratar da religiosidade andina sob influência dos preceitos cristãos, este apenas descreveu o sistema de parentesco das *panacas*, elaborando uma árvore genealógica dos soberanos Incas. O cronista conhecia o funcionamento dessa estrutura, mesmo não se aprofundando em sua análise. As definições de *ayllu*, encontradas na crônica de Guaman Poma de Ayala (1615), assemelham-se às de Garcilaso, sendo que este cronista fornece mais dados sobre essa estrutura. Os dois cronistas mitificaram o sentido comunitário do *ayllu*, pois seus membros eram ligados por laços de parentesco e possuíam um território próprio, que trabalhavam conjuntamente, produzindo tudo o que fosse necessário à comunidade e dispensando a ajuda externa. Durante o *Tahuantinsuyu*, esses vínculos só se fortaleceram, pois o sistema redistributivo do Estado garantia a cada ano um pedaço de terra para cada integrante do *ayllu*.

A análise das crônicas nos permite uma aproximação às representações conferidas ao *ayllu* e que eram inteligíveis para os diferentes grupos culturais, visto que estas obras se caracterizam por ser um entrecruzamento de informações que não devemos considerar separadamente como escritos espanhóis, mestiços e indígenas. Nesses escritos convergem distintos recursos e tradições e, na evolução da narrativa histórica, representam uma nova plenitude textual⁷². Prova disso é que, para os povos andinos, essa estrutura pré-hispânica tratava-se de um sistema de parentesco, em que uma família extensa detinha ou não um território a ser trabalhado comunitariamente e compartilhava os mesmos códigos e costumes culturais. Para os europeus era difícil compreender essa estrutura desvinculada do caráter territorial e, muito embora tenham elaborado suas crônicas a partir da observação e do diálogo com a população local, tiveram tendência a destacar o *ayllu* como um território a ser explorado pelos colonos espanhóis. É dessa maneira que o *ayllu* colonial, principalmente após a criação das reduções toledanas, foi paulatinamente convertido numa comunidade nos moldes europeus, em que a questão espacial se sobrepôs à parental, mas não foi descartada. A interação cultural estabelecida entre esses cronistas foi responsável pela nova representação conferida ao *ayllu* colonial.

⁷² Pupo-Walker, Enrique, *La vocación literaria del pensamiento histórico en América*, Gredos, Madrid, 1982, p.12.

5. REFERÊNCIAS

ACOSTA, José de. Historia natural y moral de las Indias. In: *Obras del Padre Jose de Acosta*. Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1954, [1590].

ACUÑA, Juan M. Ossio. Expresiones simbólicas y sociales de los ayllus andinos: el caso de los ayllus de la comunidad de Cabana y del antiguo repartimiento de los Rucanas-Antamarca. In: CASTELLI, Amalia, PAREDE, Marcia Koth, PEASE, Mariana Mould de. *Etnohistoria y antropología andina*. Lima: Centro de Proyección Cristiana, 1981.

ADORNO, Rolena. *Guaman Poma y su crónica ilustrada del Perú colonial: un siglo de investigaciones hacia una nueva era de lectura*. Museum Tusculanum Press, University of Copenhagen, and The Royal Library, Copenhagen, 2001.
<http://wayback.kb.dk:8080/wayback-1.4.2/wayback/20100107153228/http://www2.kb.dk/elib/mss/poma/presentation/index.htm>
Acesso em 22 de setembro de 2011.

ALBERTI, Giorgio, MAYER, Enrique (comp.) *Reciprocidad e intercambio en los Andes peruanos*. Lima: IEP, 1974. (Perú Problema, 12).

ARGUEDAS, José Maria. *Las comunidades de España y del Perú*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1968.

BARRENECHEA, Raúl Porras. *Los cronistas del Peru*. Lima: Banco de Credito del Peru, 1986.

BARRIENTOS, Cristobal de. Translado autentico de la visita que hizo el señor Cristobal de Barrientos a las siete guarangas de la provincia de Caxamarca, por orden del señor gobernador Don Francisco Pizarro, el 24 de agosto del año pasado de 1540. In: ESPINOZA

BETANZOS, Juan de. Suma y narración de los Incas. In: *Crónicas peruanas de interés indígena*. Madrid: BAE, 1968, [1551], v.209.

CASTELLI, Amalia, PAREDE, Marcia Koth, PEASE, Mariana Mould de. *Etnohistoria y antropología andina*. Lima: Centro de Proyección Cristiana, 1981.

CELESTINO, Olinda, MEYERS, Albert. La posible articulacion del ayllu a través de las cofradías. In: CASTELLI, Amalia, PAREDE, Marcia Koth, PEASE, Mariana Mould de. *Etnohistoria y antropología andina*. Lima: Centro de Proyección Cristiana, 1981.

CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. Las fronteras de Europa en la Edad Moderna. In: CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. *Ensayos sobre los reinos castellanos de Indias*. Madrid: RAH, 1999.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar*. São Paulo: UNESP, 2007.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. *Crónica del Perú*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1991 [1553], 4 v.

COCK, Guillermo. El ayllu en la sociedad andina: alcances y perspectivas. In: CASTELLI, Amalia, PAREDE, Marcia Koth, PEASE, Mariana Mould de. *Etnohistoria y antropología andina*. Lima: Centro de Proyección Cristiana, 1981.

CRISTÓBAL DE MOLINA, El cuzqueño. *Fábulas y ritos de los Incas*. Buenos Aires: Editorial Futuro, 1959[1552].

CUNOW, Heinrich. *El sistema de parentesco peruano y las comunidades gentilicias de los incas*. Paris: J.A.Encinas e J. A. Jimenez, 1929 [1890], V.1 (Biblioteca de Antropología Peruana).

_____. *La organización social del imperio de los incas*. Lima: J.A.Encinas, 1933 [1895], V.3 (Biblioteca de Antropología Peruana).

_____. *Las comunidades de aldea y de marca del Perú antiguo*. Paris: J.A.Encinas e J.A.Jimenez, 1929 [1891], V.2 (Biblioteca de Antropología Peruana).

ELLIOTT, J. H. *El viejo mundo y el nuevo*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

ESCOBEDO MANSILLA, Ronald. *Las comunidades indígenas y la economía colonial peruana*. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 1997.

ESPINOZA SORIANO, Waldemar. El primer informe etnológico sobre Cajamarca, Año de 1540. *Revista Peruana de Cultura*, 11-12, Lima, 1967.

_____. El fundamento territorial del ayllu serrano. Siglos XV y XVI. In: CASTELLI, Amalia, PAREDE, Marcia Koth, PEASE, Mariana Mould de. *Etnohistoria y antropología andina*. Lima: Centro de Proyección Cristiana, 1981.

_____. El Valle de Jayanca y el reino de los Mochica: Siglos XV-XVI. *Buletín de l'Institut Français d'Etudes Andines*. IV:3-4, 1975, pp.243-274.

FAZIO FERNÁNDEZ, Mariano. El honor español en las crónicas americanas de los siglos XVI y XVII. In: REGALADO DE HURTADO, Liliana, SOMEDA, Hedefugi (Eds.). *Construyendo historias*. Aportes para la historia hispanoamericana a partir de las crónicas. Lima: PUCP, 2005.

FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au 16e siècle; la religion de Rabelais*. Paris, Albin Michel, 1988.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Transformación intercultural de la Filosofía*. Bilbao: Desclée, 2001.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. *Comentarios Reales de los Incas*. Lima: FCE, 1991 [1609], 2t.

GONZALEZ HOLGUIN, Diego. *Vocabulario de la lengua general de todo el Perú llamada quichua o del Inca*. 3. ed. Lima: UNMSM, 1989 [1607].

GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva coronica y buen gobierno*. Lima: FCE, 1993 [1615] 3 t.

GRUZINSKI, Serge. La red agujerada – identidades étnicas y occidentalización en el México colonial (siglos XVI-XIX). *América Indígena*, México, año XLVI, n.3, jul-set, Vol. XLVI, 1986.

GRUZINSKI, Serge. Las repercusiones de la conquista: la experiencia novohispana. In: BERNAND, Carmen (Comp.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

IGLESIA, Ramon, *Cronistas e historiadores de la conquista de México*. México: Biblioteca de la Ciudad de México, s/d.

INOUE OKUBO, Yukitaka, “Crónicas indígenas: una reconsideración sobre la historiografía novohispana temprana”. In: LEVIN ROJO, Danna, NAVARRETE LINARES, Federico (Org.). *Indios, mestizos y españoles – Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007: 55-96.

ISBELL, Billie Jean. Parentesco andino y reciprocidad. Kukaq: los que nos aman. In: ALBERTI, Giorgio, MAYER, Enrique. *Reciprocidad e intercambio en los Andes peruanos*. Lima: IEP, 1974. (Peru Problema, 12).

JESUITA ANÓNIMO. Relación de las costumbres antiguas de los naturales del Pirú. In: *Crónicas peruanas de interés indígena*. Madrid: BAE, 1968 [15_?].

LATCHAM, Ricardo E. *Los incas sus origenes y sus ayllus*. Santiago: Balcells, 1928.

LEONARD, Irving, *Los libros del conquistador*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

LEVIN ROJO, Danna, NAVARRETE, Federico. (Org.). *Indios, mestizos y españoles. Interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007.

MAR, José Matos (Comp.) *Hacienda, comunidad y campesinado en el Perú*. 2 ed. Lima: IEP, 1976a. (Peru Problema, 3).

_____. Comunidades indígenas del área andina. In: MAR, José Matos (comp.). *Hacienda, comunidad y campesinado en el Perú*. 2.ed. Lima: IEP, 1976b (Peru Problema, 3).

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MARZAL, Manuel M. *Historia de la antropología*. V. I: La antropología indigenista: México y Perú. 3 ed. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1989.

MATIENZO, Juan de. *Gobierno del Perú*. Edition et Etude préliminaire par Guillermo Lohmann Villena. Paris/Lima: IFEA, 1967 [1567].

MIGNOLO, Walter. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, L. Íñigo (Coord.). *Historia de la literatura hispanoamericana*. Madrid: Cátedra, 1982.

MURRA, John V. *Formaciones económicas y políticas del mundo andino*. Lima: IEP, 1975. (Historia Andina 3).

ORTIZ DE ZUÑIGA, Íñigo. *Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562*. Tomo I: Visita de los Cuatro Waranqa de los chupuchu. Huánuco: Universidad Nacional Hermilio Valdizán, 1967.

_____. *Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562*. Tomo II: Visita de los yacha y mitmaquna cuzqueños encomendados en Juan Sánchez Falcón. Huánuco: Universidad Nacional Hermilio Valdizán, 1972.

PACHACUTI YAMQUI SALCAMAYGUA, Joan de Santa Cruz. *Relacion de antiguedades deste reyno del Piru*. Estudio Etnohistórico y Lingüístico de Pierre Duviols y César Itier Cuzco: CERA, BLC/IFEA, 1993 [1613].

PEASE, Franklin. Ayllu y parcialidad, reflexiones sobre el caso de Collaguas. In: CASTELLI, Amalia, PAREDE, Marcia Koth, PEASE, Mariana Mould de. *Etnohistoria y antropología andina*. Lima: Centro de Proyección Cristiana, 1981.

PIETSCHMANN, Horst. La Conquista de América: un bosquejo histórico. In: KOHUT, Karl (ed.). *De conquistadores y conquistados; realidad, justificación, representación*. Frankfurt: Vervuert, 1992.

POLO DE ONDEGARDO, Juan. Informaciones acerca de la religión e gobierno de los incas. In: URTEAGA, Horacio H. *CLDRHP*. Lima: Imprenta y Librería San Marti, 1916 [1571], t.III e IV.

_____. Juan. *El mundo de los Incas*. Madrid: Historia 16, 1990 [1571].

PORTUGAL, Ana Raquel. *O ayllu andino nas crônicas quinhentistas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

POZO, Hildebrando Castro. Social and economico-political evolution of the communities of Central Perú. In: STEWARD, H. Julian. *Handbook of South American Indians*. New York: Cooper Square Publishers INC, 1963. V.2: The Andean Civilizations, edited by Julian H. Steward.

_____. *Del ayllu al cooperativismo socialista*. Lima: Peisa, 1973.

PUPO-WALKER, Enrique. *La vocación literaria del pensamiento histórico en América*. Madrid: Gredos, 1982.

RAMIREZ, Susan E. Social frontiers and the territorial base of curacazgos. In: MASUDA, Shozo et al. , *Andean Ecology and Civilization*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1985.

_____. *The world upside down: cross-cultural contact and conflict in sixteenth-century Peru*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROSTWOROWSKI DE DIEZ CANSECO, María. La voz parcialidad en su contexto en los siglos XVI y XVII. In: CASTELLI, Amalia, PAREDES, Marcia Koth, PEASE, Mariana Mould de. *Etnohistoria y antropología andina*. Lima: Centro de Proyección Cristiana, 1981.

_____. *Historia del Tahuantinsuyu*. 2.ed. Lima: IEP, 1988a. (Historia Andina, 13).

_____. Patronyms with the consonant F. In: The Guarangas of Cajamarca. MASUDA, Shozo et al (Eds). *Andean Ecology and Civilization*. Tokyo: University of Tokyo Press, 1985.

ROWE, John H. Inca culture at the time of the spanish conquest. In: STEWARD, H. Julian. *Handbook of South American Indians*. New York: Cooper Square Publishers INC, 1963. V.2: The Andean Civilizations, edited by Julian H. Steward.

SARMIENTO DE GAMBOA, Pedro. *Historia de los Incas*. Madrid: Miriguano Editores, 1988 [1572].

SIMON, Clarke. Acculturation and continuity: re-assessing the significance of Romanization in the hinterlands of Gloucester and Cirencester. In: WEBSTER, Jane, COOPER, Nick. *Roman Imperialism: post-colonial perspectives*. Leicester: University of Leicester, 1996.

STERN, Steven. *Resistance, rebellion and consciounes in the Andean Peasant Word, 18th to 20th Centuries*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1987.

TITU CUSI YUPANQUI, Inca. *Instrucción al licenciado don Lope García de Castro*. Lima: PUCP, 1992 [1570].

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TOLEDO, Francisco de. Libro general de la visita del virrey don Francisco de Toledo, 1570-75. In: ROMERO, Carlos A. Libro General de la visita del Virrey don Francisco de Toledo. *Revista Historica*, Lima, v.VII, 1924.

_____. Informaciones acerca del señorío y gobierno de los incas In: LEVILLER, R. *Don Francisco de Toledo supremo organizador del Perú*, Buenos Aires, CBCA, 1940[1570-72].

_____. Ordenanzas que el señor visorey don Francisco de Toledo hizo para el buen gobierno de estos reinos del Perú In: LEVILLER, R. *Don Francisco de Toledo supremo organizador del Perú*, Buenos Aires, CBCA, 1940 [1572-75].

_____. *Tasa de la Visita General de Francisco de Toledo*. Int. y versión paleog. Noble David Cook. Lima: UNMSM, 1975 [1570-5].

_____. *Disposiciones gubernativas para el Virreinato del Peru. 1569-1574*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1986 [1568].

VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simon. *Las crónicas de Índias como expresión y configuración de La mentalidad renascentista*. Granada: Disputación Provincial de Granada, 1997.

VOLLMAR, Fernando Fuenzalida. Estructura de la comunidad de indigenas tradicional; una hipótesis de trabajo. MAR, José Matos (comp.). *Hacienda, comunidad y campesinado en el Perú* 2.ed. Lima: IEP, 1976. (Peru Problema, 3).

WACHTEL, Nathan. *Sociedad e ideología*; ensayos de historia y antropología andina. Lima: IEP, 1973. (Historia Andina, 1).

_____. A aculturação, in LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

_____. *Los vencidos; los indios del Peru frente a la conquista española (1530-1570)*. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

ZUIDEMA, R. Tom. *The ceque system of Cuzco. The social organization of the capital of the Inca*. Leyden: Brill, 1964.

_____. *La civilización inca en Cuzco*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1991.